

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE ARTES E DESIGN**  
**BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

**Bianca Celestino Barbosa de Assis**

**VOLTA: Estudo prático de roteiro**

**Juiz de Fora**

**2021**

**Bianca Celestino Barbosa de Assis**

**VOLTA: Estudo prático de roteiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Bacharela em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Dr. Christian Hugo Pelegrini

Coorientadora: Dra. Marília Xavier de Lima

**Juiz de Fora**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de  
geração automática da Biblioteca Universitária  
da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

Celestino Barbosa de Assis, Bianca.

Volta : Estudo prático de roteiro / Bianca Celestino Barbosa de  
Assis. -- 2021.

56 p. : il.

Orientador: Christian Hugo Pelegrini

Coorientadora: Marília Xavier de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2021.

1. Memorial. 2. Roteiro. 3. Estudo. 4. Prática. I. Hugo Pelegrini,  
Christian , orient. II. Xavier de Lima, Marília, coorient. III. Título.



## **ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

Aos 13 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 10 horas, em plataforma remota da UFJF, ocorreu a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito da disciplina ART314 - TCC, apresentada pelo(a) aluno (a) Bianca Celestino Barbosa de Assis, matrícula 201666002B, tendo como título “Volta: estudo prático de roteiro”.

Constituíram a Banca Examinadora os Professores (as):

Christian Hugo Pelegrini, doutor, orientador, UFJF,

Professora Alessandra Souza Mellet Brum, doutora, examinadora, UFJF e o

Professor Sérgio José Puccini Soares, doutor, examinador, UFJF.

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, definiu-se que o trabalho foi considerado (X ) APROVADO ( ) REPROVADO. Eu, Christian Hugo Pelegrini, Professor – Orientador, lavrei a presente ata que segue, em função da Pandemia, assinada por mim em meu nome e em nome dos demais membros da Banca Examinadora, comprometendo-me em informar a nota do aluno no SIGA UFJF o mais breve possível.

  
CHRISTIAN HUGO PELEGRINI – ORIENTADOR

  
ALESSANDRA DE SOUZA MELLET BRUM – EXAMINADORA

  
SERGIO JOSE PUCCINI SOARES – EXAMINADOR

A meu avô.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a UFJF pelas oportunidades que tive nos últimos anos, graças ao ensino público e de qualidade, pude investigar e testar diversas possibilidades, e me descobrir nesse processo. Espero daqui em diante, contribuir com a sociedade, compartilhando o conhecimento que adquiri ao longo dessa trajetória. Todo esse aprendizado se deve ao empenho dos meus professores, sempre apontando a direção para uma visão crítica, a cada encontro se esforçando para tirar de nós, estudantes, o nosso melhor.

Em especial, gostaria de agradecer a meus orientadores, passar pela experiência de construir esse projeto, com todos os percalços, só foi transformadora graças a vocês, meus mentores. Além do aprendizado compartilhado ao longo desses meses, por todo o suporte e compreensão. Essa etapa do curso parecia uma das mais difíceis a ser vencida, no início, tudo o que eu queria era que passasse rápido. Porém, contrário ao que eu esperava, mais do que difícil foi um período de muito aprendizado que sempre levarei comigo com muito carinho.

A meus amigos, que me ajudaram nos momentos de insegurança, ouvindo por diversas vezes as versões dessa história, opinando sobre elas e dividindo comigo ideias para a narrativa. Na construção desse roteiro, também estão as histórias que compartilharam comigo, especialmente sobre suas famílias. Existe um pedacinho de cada um nesse projeto.

A meus pais, que apoiaram minhas escolhas ainda que discordassem delas. Me influenciaram ainda sem saber que o faziam, em toda a minha jornada até agora, em especial, na construção do roteiro. Um pouco da nossa história fica gravada aqui, sempre me lembrarei desse projeto com carinho, por ser o primeiro e por ter muito de nós.

Gostaria também de agradecer imensamente a meu avô, cujas histórias eu nunca cansava de ouvir, e a partir de agora, vou relembra-las sempre para que possa mantê-lo por perto. Que eu possa enxergar as histórias gravadas na pele de cada um, como vi no senhor Sebastião.

*“Eu posso usar meu trabalho para dar sentido ao caos.”*

Jennifer Fox à revista Continente (2018)

## RESUMO

*Volta* é um roteiro de curta-metragem que narra a história de crescimento de Lívia, uma jovem que volta para casa dos pais, dos quais está afastada a algum tempo, para retomar a relação de afeto que tinha com a mãe na infância. O presente memorial descreve o processo de construção do roteiro, baseado na estrutura da jornada do herói.

**Palavras-chaves:** Memorial. Cinema. Roteiro. Estudo. Prática. Jornada do herói.

## ABSTRACT

*Volta* is a short film script that tells the story of Lívia's growth, a young girl who returns to her parent's house, from whom she has been away, to retake the affectionate relationship she had with her mother as a child. This memorial describes the process of building the script, based on the structure of the hero's journey.

**Keywords:** Memorial. Cinema. Screenplay. Study. Practice. Hero's journey.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - diamante do personagem referente a Livia construído após a primeira versão do roteiro. -----	17
<b>Figura 02</b> - diamante do personagem referente a Cris construído após a primeira versão do roteiro. -----	18
<b>Figura 03</b> - diamante do personagem referente a Tetê construído após a primeira versão do roteiro.-----	18
<b>Figura 04</b> - diamante do personagem referente a Carlos construído após a primeira versão do roteiro.-----	19
<b>Figura 05</b> - Gráfico de emoções referente a 1ª versão do roteiro Volta.-----	20
<b>Figura 06</b> - Gráfico de emoções referente a 5ª versão do roteiro Volta.-----	21
<b>Figura 07</b> - Esquema do programa narrativo de Livia.-----	23
<b>Figura 08</b> - Esquema do programa narrativo de Cris.-----	23
<b>Figura 09</b> - Esquema do ponto de virada a partir do sentir do personagem.-	31
<b>Figura 10</b> - Esquema da transformação do sentimento de Livia.-----	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> -----	<b>11</b>
<b>2 DA CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO</b> -----	<b>12</b>
<b>3 DA CRIAÇÃO DOS PERSONAGENS</b> -----	<b>16</b>
3.1 O ARCO INTERNO DOS PERSONAGENS - A <i>PAIXÃO NOS</i> <i>PERSONAGENS</i> POR HERMES LEAL -----	22
3.2 HISTÓRIA PREGRESSA - UMA BASE PARA A ESTRUTURA DO ROTEIRO-----	24
<b>3.2.1 Biografia dos personagens</b> -----	<b>25</b>
3.3 PONTOS DE VIRADA-----	31
<b>4 DA ESTRUTURA DO ROTEIRO - ESTILO</b> -----	<b>34</b>
4.1 VERSÕES DO ROTEIRO-----	43
<b>5 ROTEIRO – Volta</b> -----	<b>45</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um memorial acerca das etapas que envolvem a produção de um roteiro de curta-metragem. O roteiro em questão foi desenvolvido ao longo dos últimos anos com a finalidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de Cinema e Audiovisual da UFJF.

Ao longo do texto, serão descritas as fases de criação do roteiro, do surgimento da ideia, da estrutura, da criação dos personagens e do desenvolvimento da narrativa em si.

Além das aulas do curso de Cinema e Audiovisual da UFJF, foram essenciais para o desenvolvimento da narrativa, o curso online de roteiro da diretora Anna Muylaert, o livro *A jornada do escritor* (1998) do roteirista Christopher Vogler para a estrutura do roteiro e o livro *A paixão nos personagens* (2020) do escritor Hermes Leal para desenvolver os personagens.

Ao longo da leitura de *A jornada do escritor*, utilizei as orientações inscritas na obra para definir a estrutura do roteiro e o que seria a história de crescimento da personagem principal. Para isso, o público precisa acompanhar o personagem ser levado do ambiente ao qual está habituado a um ambiente desconhecido. Nesse processo, o mesmo deve passar por provações, lutar contra inimigos e conseguir aliados. À medida que se fortalece, o personagem aprende lições e tem a oportunidade de evoluir.

Durante a criação do roteiro, o livro *As paixões nos personagens* (2019), foi de grande influência, a partir do esquema de desenvolvimento do programa narrativo dos personagens apresentado na obra de Hermes Leal, foram elaboradas as ações dos personagens a partir do sentir dos mesmos. Ao longo da narrativa os personagens sentem mais do que agem, assim sendo, seus sentimentos moldam a história. O desenvolvimento do conflito familiar, que dá início a narrativa de aprendizado da personagem principal, foi criado a partir do desenvolvimento da história pregressa da família de sua mãe, Cris. Além do livro *As paixões nos personagens*, o romance de Martha Batalha, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016) serviu de inspiração para a escrita.

## 2DA CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

A ideia de *Volta* foi aparecendo aos poucos. Para a matéria de roteiro do curso de Cinema e Audiovisual da UFJF, ministrada pelo professor Sérgio Puccini, comecei a desenvolver um roteiro que contava com três personagens principais, cada um lidando com questões de fim de relacionamento e carreira. Apesar de ter construído esse projeto até a etapa do *storyboard*, senti dificuldade ao desenvolver os personagens desse curta, que tratava de três mulheres de idades diferentes. A princípio, o roteiro não seria o foco do trabalho, apesar de ser uma etapa crucial da produção da obra audiovisual. Por alguns meses estudei e tentei desenvolver essa trama, mas antes mesmo de chegar a uma versão com a qual eu estivesse confortável, engavetei esse projeto. Passado algum tempo me dei conta de que o tema sobre o qual eu gostaria de falar já estava escrito nesse roteiro, "*Cíclico*", eu só precisava de um pouco de coragem para tratar de um assunto tão particular. Nesse primeiro roteiro, uma das personagens era uma menina de 20 e poucos anos que estava terminando a faculdade e cercada de incertezas. Passando por um término de relacionamento, ela também tinha que lidar com as exigências e expectativas de sua mãe. Mais tarde, essas personagens se tornariam Livia e Cris.

Em março de 2020, a UFJF precisou paralisar suas atividades por tempo indeterminado em decorrência da pandemia causada pelo vírus COVID-19. Quando foi noticiado o primeiro caso em Juiz de Fora, não se sabia muito além de que sua contaminação se dava pelo ar, ele se espalhava de forma rápida e era letal. Não pensei em voltar para casa de imediato, temia contaminar alguém da minha família, em especial meu avô, na época com 86 anos de idade e um histórico de problemas pulmonares e cardíacos. Decidi que ficaria em Juiz de Fora por duas semanas, sem sair do apartamento em que morava com algumas amigas, para me certificar que não havia contraído o vírus. Foi então que alguns problemas apareceram: a corretora de imóveis responsável pelo apartamento que alugávamos nos informou que o proprietário exigia a renovação do contrato por mais 01 ano ou deveríamos desocupá-lo

em 02 semanas. Nesse primeiro momento, o pânico tomou conta de grande parte da população, as pessoas começaram a estocar alimentos e produtos de higiene, boatos de barreiras sanitárias que bloqueariam entradas e saídas em algumas cidades começaram a surgir. Em um domingo, cinco dias após o comunicado de paralisação da UFJF, meus pais me ligaram, decidimos que eu voltaria para casa no dia seguinte. Estavam preocupados não só com esses boatos, mas também com a renovação do contrato do apartamento, como trabalhadores autônomos que atuavam diretamente com o público eles pararam suas atividades e não sabiam quando conseguiriam voltar.

O começo desse reencontro, após alguns anos morando longe, foi bem conflituoso. Eu acompanhava as notícias e a cada dia temia mais a contaminação, enquanto o restante da família tomava as precauções necessárias, mas não achava que a situação era tão crítica.

Com o passar do tempo a situação só piorava, à medida que a pandemia se agravava eu entendia que não poderia sair de casa tão cedo. Restava então, tentar manter a calma, dia após dia, apesar de todas as semelhanças com um cenário apocalíptico.

Já caminhando para o final do ano, tomei conhecimento de um edital para curtas já finalizados, feitos com o celular, cuja temática envolvesse a pandemia. Vi neste edital a chance de voltar a produzir depois de tantos meses longe da faculdade, mesmo que só tivesse três dias para isso. Meus pais aceitaram me ajudar, atuando em algumas cenas. Virei a noite escrevendo o roteiro e no dia seguinte gravamos, a história tinha muita relação com o que eu e alguns amigos vivíamos, nessa volta repentina para casa depois de alguns anos estudando fora. Era a história de uma menina que chegava a casa dos pais com uma bagagem grande e pesada, que acaba se tornando o “elefante na sala” dessa família, os pais carregam essa bagagem pela casa enquanto conversam sobre como lidar com as diferenças entre eles e essa pessoa, um tanto estranha, e tão diferente da filha que saiu daquela casa a alguns anos.

Meus pais adoraram participar dessa experiência, se mostraram animados e dispostos a repetir as cenas em frente à câmera até que eu achasse que o resultado estava minimamente satisfatório. Apesar disso, eu não cheguei a montar esse curta. Ainda durante as filmagens ficaram muito evidentes os inúmeros problemas, dos furos no roteiro à câmera do celular,

passando pelas limitações dos espaços da casa e a minha dificuldade de dirigir os dois atores em suas primeiras cenas.

Apesar de ter desistido do curta, esse tema ainda me perseguiu por algum tempo. O fato de meus pais terem aceitado me ajudar, atuando no curta, tentando entender como funcionava meu trabalho e me apoiando, foi um alento. A partir de então eu me senti mais disposta a olhar com mais carinho para a relação que havíamos construído até então.

Ao longo da pandemia, assim como o restante da população, passei por algumas fases. Busquei formas de entender melhor minhas emoções, o que seria de grande importância para melhorar a minha relação com a minha família. Durante essa busca, me deparei com alguns vídeos sobre psicanálise, em meio a eles, algumas referências de livros de psicanalistas. Comecei então a ler *O brincar e a realidade*, 1975, de Donald Woods Winnicott, pediatra que desenvolveu uma série de estudos com crianças para entender como somos afetados ao longo da vida pelas relações que construímos na infância.

Logo no primeiro capítulo do livro ele apresenta uma teoria que fala sobre as primeiras experiências do bebê no mundo. O objetivo de Winnicott é apresentar um desenvolvimento de seu artigo *Objetos transicionais e Fenômenos Transicionais* (1951), para ao longo do livro renunciar a essa hipótese básica. Nela, Winnicott diz que o bebê quando nasce vê a si próprio e a mãe como um só. Com o passar do tempo, ele passa por um período de transição, em que ele precisa começar a se entender como um ser único. Durante esse período existe um espaço de indeterminação entre a criança e o outro, no qual ocorre a elaboração dos limites de ambos. Além disso, se tem a criação de um falso-eu, que é criado por cada um para responder ao que acreditamos que o outro espera de nós. Por vezes, a criança toma para si um objeto que funciona como apaziguador, o mesmo auxilia a criança a lidar com a ansiedade que ela sente nesse momento. Esse objeto transicional, é uma condição que a criança elege para contornar a angústia que sente ao começar a se entender como indivíduo, é entendido como parte e extensão dessa criança assim como, um dia ela teria sido parte e extensão de sua mãe ou responsável por ela em seus primeiros meses de vida. Um amigo imaginário então, seria criado pelo imaginário dessa criança nesse momento de solidão

quando ela também descobre que os responsáveis por ela não vivem em sua função.

A partir dessa leitura, me lembrei de quando minha mãe havia me contou que eu tinha um amigo imaginário durante a infância. Apesar de, segundo ela mesma, não ter dado muita atenção a esse caso, ela se lembrava que eu costumava brincar e falar sozinha pela casa. Além disso, ela contou sobre determinada vez em que apresentei a ela Luísa, sentada em frente a mim, em meio a um piquenique com pequenos pratos e xícaras coloridas. Não tenho nenhuma recordação desse momento, mas um fato curioso é que todas as bonecas que ganhei recebiam o mesmo nome: Luísa.

Foi então que comecei a pensar em uma história sobre uma menina que voltava à casa de seus pais depois de ficar alguns anos distante. Eles entravam em conflito e ela teria de percorrer a casa pensando em como se reaproximar dos pais, se apoiando em uma amiga imaginária que ela criou quando ainda morava ali.

### 3 DA CRIAÇÃO DAS PERSONAGENS

Depois da ideia principal do roteiro, o primeiro passo foi definir melhor as personagens. Comecei apontando quais seriam as características de cada, para isso utilizei o método de *diamante do personagem*<sup>1</sup>, que segundo Pedro Rigueti na página *O roteirista insone*, os mestres Yolanda Barrasa, Eliseo Altunaga e Francisco López Sacha da Escuela Internacional de Cine e TV San Antonio de Los Baños ensinam, com o objetivo de criar personagens tridimensionais.

Esse método consiste em colocar no centro o nome do personagem e ao redor escrever as características que serão definidas:

- *Arquétipos* - padrões que já são conhecidos, são formatos mais superficiais, mas que permitirão que o público reconheça o personagem assim que vê-lo em cena.
- *Habilidades* - nesse tópico são definidas quais características esse personagem possui que o ajudarão a conquistar o que ele busca.
- *Fraquezas* - são apontadas características que impeçam o personagem de atingir seu objetivo, pode ser uma característica da qual ele não consegue se livrar, mesmo que precise disso para crescer.
- *Oculto* - aqui será definido o que até mesmo o próprio personagem desconhece a respeito de si mesmo, deve estar ligado ao tema e à necessidade do personagem, é o que ele precisa aprender ao longo da história.

Para além da estrutura do roteiro, os personagens serão responsáveis por desencadear as cenas. Rigueti então aponta a importância de duas características para um personagem memorável: verossimilhança e contradição. Esse personagem precisa ser verossímil, ou seja, coerente dentro dos parâmetros estabelecidos no universo desse roteiro. Ao mesmo tempo, ele precisa cair em contradição, gerando um sentimento de reconhecimento por parte do público, já que essas contradições o humanizam.

---

<sup>1</sup><https://roteiristainsone.wordpress.com/> (Acesso em 13/09/2021)

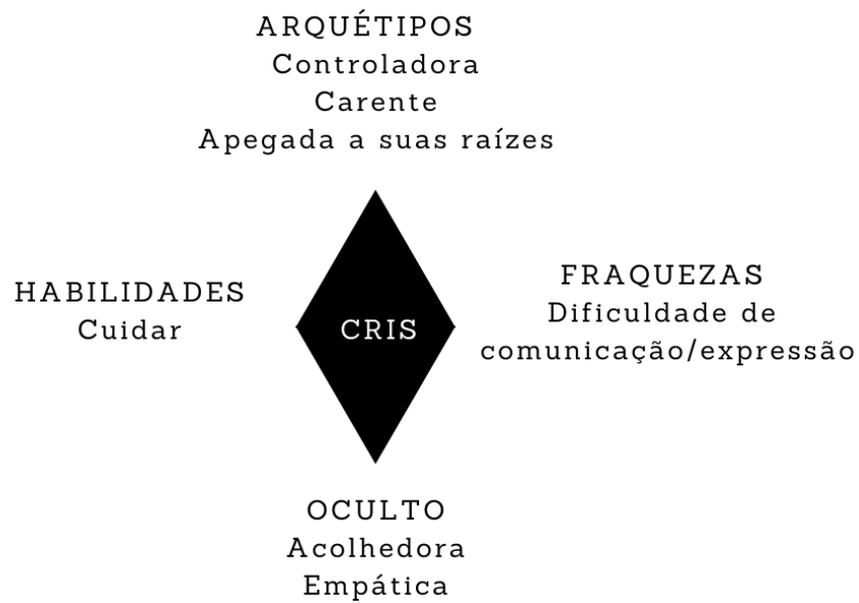
Para trabalhar o desenvolvimento dos personagens criei o diamante de cada um deles. Mesmo que em um primeiro momento não soubesse qual seria o papel desse personagem na história, o mesmo foi se revelando aos poucos.

Figura 1- diamante do personagem Lívia.



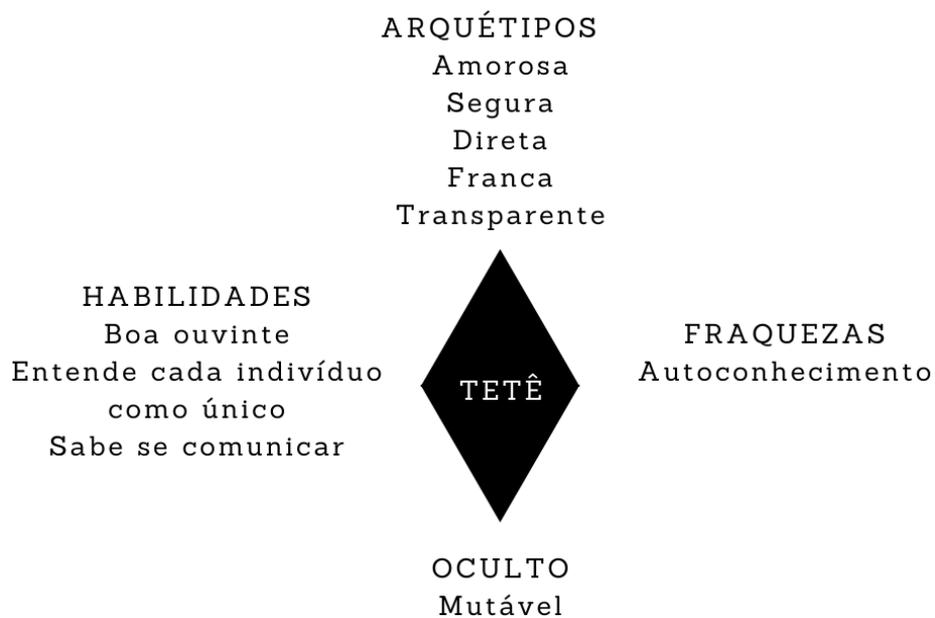
Fonte: Bianca Assis.

Figura 2 - diamante do personagem referente a Cris.



Fonte: Bianca Assis.

Figura 3 - diamante do personagem referente a Tetê.



Fonte: Bianca Assis.

Figura 4 - diamante do personagem referente a Carlos.



Fonte: Bianca Assis.

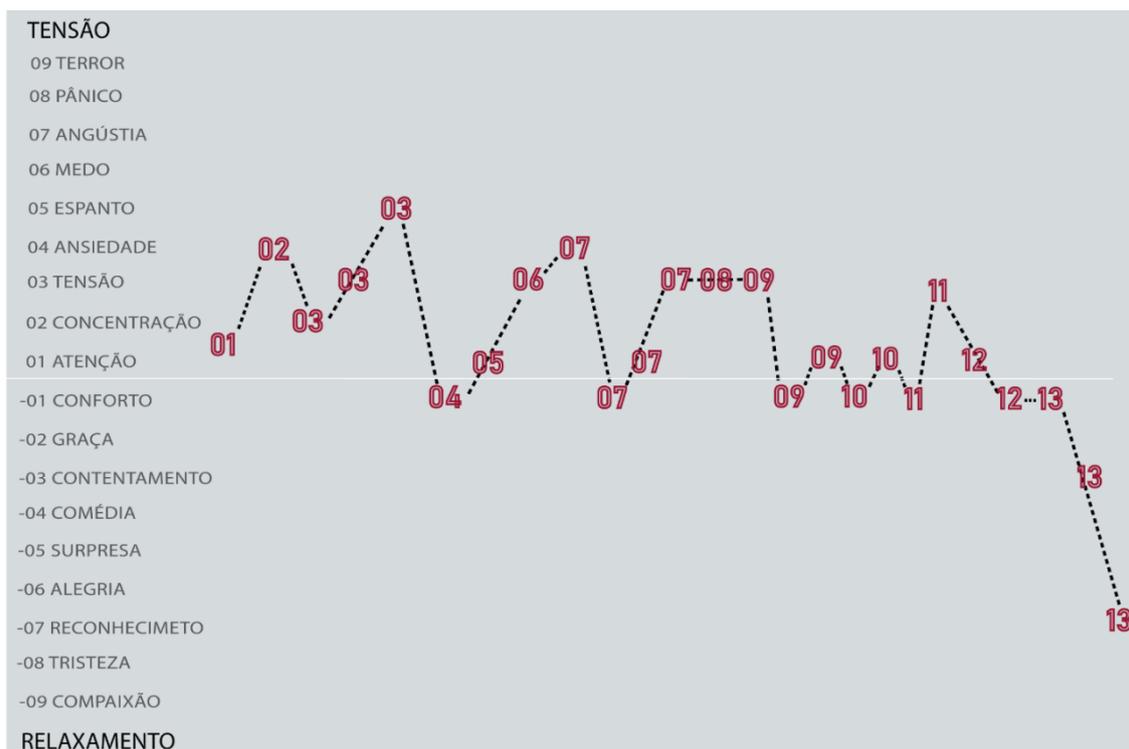
Em 2020, tive a oportunidade de fazer o curso online de roteiro de Anna Muylaert, na plataforma *Navega*<sup>2</sup>, graças a uma parceria que os professores de Cinema da UFJF firmaram com a mesma. Ao longo das aulas, a roteirista e diretora parte de suas experiências profissionais para apresentar os fundamentos principais da construção de narrativas para elaboração de roteiros para Cinema e TV. Durante uma dessas aulas, conheci a ferramenta gráfico de emoções, por meio da qual é possível mensurar a forma como seu roteiro será lido pelo público, analisando cena a cena.

Segundo Muylaert, esse gráfico deve ser gerado depois de escrever a primeira versão do roteiro. No mesmo, aponta-se qual o tom de sua cena em uma série de emoções pré-estabelecidas dispostas no canto esquerdo, numeradas de -9 a +9 em sentido vertical e crescente. Anna Muylaert aponta que passar por momentos de tensão a momentos de alívio é o que garante a atenção do espectador.

Depois de fechar a primeira versão do roteiro, gerei o gráfico de emoções, que resultou em:

<sup>2</sup><https://www.navega.art.br/>

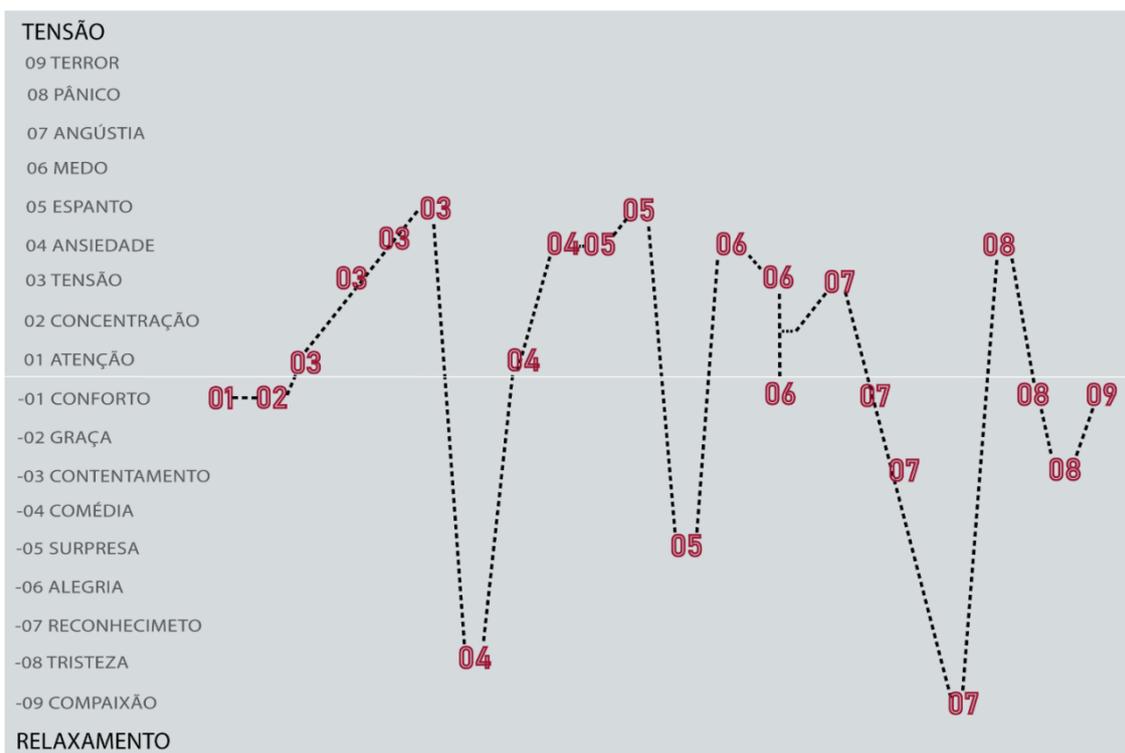
Figura 5 - Gráfico de emoções referente a 1ª versão do roteiro Volta.



Fonte: Bianca Assis.

No gráfico montado para a primeira versão do roteiro, fica evidente que a tensão permeia todo o roteiro, com alguns momentos de conforto, o que cumpria a ideia inicial de mostrar o ambiente familiar como conflituoso. A maior parte dos momentos que classifico como confortáveis acontecia durante cenas em que Lívia estava ao lado de Tetê, a amiga imaginária que a própria Lívia cria para confortá-la nos momentos em que Cris não dava conta de fazê-lo.

Figura 6 - Gráfico de emoções referente a 5ª versão do roteiro Volta.



Fonte: Bianca Assis.

Comparando com o gráfico da versão final, acredito que a história ficou mais fiel ao tema. Além disso, na quinta versão do roteiro acredito que consegui explorar mais os tons nas cenas.

A principal diferença que notei entre o modelo apresentado por Anna Muylaert em seu curso, voltado a criação de longa-metragem, e os gráficos que construí ao escrever esse curta, foi o espaço que se tem para as mudanças de tom. Enquanto em um longa essas cenas poderiam ser mais definidas e exploradas por terem mais tempo em tela, essas mudanças entre a tensão e o relaxamento em um curta acontecem de forma mais rápida. Dentro de uma mesma cena podemos ter tanto a predominância de um tom, quanto a passagem por diversos tons, ou, até mesmo, dois tons coexistindo.

### 3.10 ARCO INTERNO DOS PERSONAGENS - A PAIXÃO NOS PERSONAGENS POR HERMES LEAL

Em janeiro de 2021, participei de uma *masterclass* com o mestre em Cinema e doutor em Linguística, pela USP, Hermes Leal. No decorrer das aulas, Leal apresentou a teoria da Semiótica das Paixões, que consiste no estudo da passionalidade para a criação de personagens únicos e interessantes. Suas orientações foram importantes para que eu conseguisse desenvolver o conflito entre Lívia e Cris. A partir da leitura do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016) de Martha Batalha, sugerida para o curso, consegui desenvolver as histórias pregressas de Lívia e Cris. Por meio da escrita dessas histórias, questões como suas motivações, dificuldades e, principalmente, o que elas esperam uma da outra ficaram mais claras.

Em seu livro *As paixões nos personagens* (2019), Leal discorre sobre a importância da inclusão do sentir anterior ao agir durante a construção das ações dos personagens.

Quanto à estrutura do roteiro, Leal apresenta um esquema base denominado programa narrativo, próprio para cada personagem. Ele se inicia quando se firma um contrato entre os personagens, forjado na confiança que um tem pelo outro. Além desse contrato base, construído no início da jornada, os personagens podem adotar outros programas narrativos ao firmar novos contratos.

Em *Volta*, o programa narrativo de Lívia é o de apoiar sua mãe, Cris. Ela firma esse contrato com seu pai logo na primeira cena. Lívia deve, além de ajudá-la na mudança, oferecer suporte emocional, mas quando ela se encontra com a mãe esse contrato é quebrado. Lívia, então, precisa embarcar em uma jornada e se preparar para, enfim, retomar e cumprir seu contrato. O contrato de Cris com Lívia é forjado no nascimento da filha. Enquanto mãe, Cris deve proteger Lívia e prepará-la para a vida. Segundo a história pregressa das duas, em determinado momento da infância de Lívia, Cris não conseguiu cumprir esse contrato, nesse momento se deu o início da ruptura entre as duas.

O Programa Narrativo tem um núcleo composto por: sujeito, objeto e destinador, e é usado para organizar, na narrativa, o papel do personagem. Cada personagem, por sua vez, ocupa o lugar do sujeito; o destinador é

responsável por gerar conflitos que o sujeito deve atravessar para adquirir competência e poder, enquanto o objeto possui valores que o sujeito quer tomar para si, pois o auxiliam na resolução dos conflitos. Sendo assim, o movimento do conflito na narrativa se dá pela ação do personagem em busca de um valor, que está no objeto. Para que um personagem adquira esse valor, outro personagem será privado dele, temos então, o núcleo da intriga.

Figura 7 - Esquema do programa narrativo de Lívia.

SUJEITO	-	OBJETO	-	DESTINADOR
Lívia		Helena (afeto)		Cris (segurança)

Fonte: Bianca Assis.

Lívia enquanto sujeito do seu programa narrativo, volta para casa para buscar a última lembrança que ela tem de Helena, o que ela espera retomar é a memória de afeto que aquele objeto carrega. Lívia tem como seu destinador, Cris, sua mãe. O laço entre as duas puxa Lívia para o destinador, o poder que esse destinador dá a ela é a segurança de poder contar com alguém quando se está passando por um momento difícil.

Quanto ao esquema narrativo de Cris, desenvolvi o seguinte esquema:

Figura 8-Esquema do programa narrativo de Cris.

SUJEITO	-	OBJETO	-	DESTINADOR
Cris		Lívia (afeto)		Lívia (segurança)

Fonte: Bianca Assis.

Através desse exercício, percebi que Livia e Cris tem uma à outra como destinadora, fato importante que faz com que as duas se esforcem para manter essa relação. Além disso, as duas querem a mesma coisa. Apesar de voltar em busca de uma memória afetiva que tem com Helena, só ao longo desse dia Livia vai perceber que, na verdade, ela busca por afeto o qual dará a ela a sensação de segurança. Cris também espera receber afeto de Livia, ao longo dos anos ela conseguiu camuflar essa falta em sua relação com seu, agora, ex-marido. Ao passo que ela vê essa relação se desfazendo, Cris se sente desamparada quando não consegue o afeto de Livia.

O programa narrativo é dito por Leal como um caminho que leva o personagem da ilusão à verdade, explorado dentro de uma estrutura que conta com três atos: no *Contrato* temos a apresentação dos personagens, o momento em que eles se juntam e formam as primeiras relações. O segundo ato é chamado de *Manipulação*, nela os personagens devem enfrentar os percursos do caminho para adquirirem saber e poder, relacionando a jornada do herói, é o momento em que o personagem embarca no mundo especial. Por fim, a *Sanção*, onde a verdade oculta nos contratos deve ser revelada.

Ao longo do livro *As paixões nos personagens*, Leal analisa e trata da construção de personagens para séries e longas-metragens. Ao adaptar para o formato de curta, optei por desenvolver apenas o programa narrativo de Livia e tratar de apenas um dia em sua vida, o recorte de sua volta à casa dos pais. Apesar disso, para construir a história e a personalidade das personagens, escrevi a história pregressa, o que aconteceu ao longo da vida de Livia e Cris que as leva ao recorte que vemos em *Volta*.

### 3.2 HISTÓRIA PREGRESSA - UMA BASE PARA A ESTRUTURA DO ROTEIRO

Ainda durante a *masterclass*, Hermes Leal indicou a leitura do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* de Martha Batalha. Esse livro foi uma referência essencial para que eu escrevesse o conflito entre Livia e Cris. Desde o princípio, a premissa era a de que Livia discutiria com sua mãe e passaria por um processo para entender qual era a questão entre as duas, que

já se arrastava a mais tempo, antes do recorte que vemos em *Volta*. O conflito entre as duas é carregado de mágoas do passado e expectativas frustradas, são duas pessoas machucadas, mas que ainda nutrem carinho uma pela outra. Por essa razão, temem o risco de uma conversa franca, que poderia afastá-las ainda mais.

Esses pontos estavam delimitados, mas eu ainda não havia encontrado o que seria a razão da briga assim que Lívia chega a casa. Inspirada pela história de Eurídice e Guida, pela forma como os conflitos são criados a partir de desencontros entre os personagens e pela forma que Martha Batalha narra a história das irmãs, consegui definir como Lívia e Cris são levadas a esse ponto que vemos no curta.

Comecei pela biografia da família de Cris. De forma mais superficial, recriei as relações apontando o parentesco, um pouco sobre a vivência, me limitando às relações familiares entre mãe e filhos, definindo a personalidade dessas mães, e qual tipo de influência elas exercem sobre suas filhas, o que resulta na forma como essas filhas tratam a próxima geração. Em toda a família, um ciclo de filhas que decidem criar suas crianças de uma forma diferente da que foram criadas, mas acabam repetindo formas das mães ou avós, sem se darem conta disso. Na tentativa de corrigir os erros dos pais, elas criam seus próprios erros.

Ao criar a árvore genealógica de Lívia, recorri a outro exemplo literário, *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez, usei como inspiração a criação de Macondo, povoado fundado quando os personagens do livro tentam encontrar o mar e, além dele, as cidades, promessas de criações científicas fantásticas e avanços tecnológicos. No caso de *Volta*, começamos com a tataravó de Cris, que sai da Argentina para criar sua plantação de maçãs no Brasil. A partir do perfil da avó de Lívia comecei a criar a biografia de Cris.

### **3.2.1 Biografia dos personagens**

#### ***Cris***

Cris é a filha do meio de sete irmãos, três mais novos e três mais velhos, sendo assim, foi cuidada pelos mais velhos enquanto aprendia a cuidar

dos mais novos. Sua família era muito unida, todos se juntavam em festas de aniversário, almoços aos domingos e para assistir TV com um balde de pipoca que passava de mão em mão.

Há muitas gerações todos ocupavam o mesmo espaço, trabalhando na fazenda. Sua bisavó morava em um casarão central de dois andares construído por seus pais, tataravós de Cris, quando chegaram da Argentina. Com a ajuda dos vizinhos começaram a plantar maçãs, para depois colhê-las e vendê-las nas feiras da região, trabalhavam como numa cooperativa. O empreendimento gerava tamanho lucro que garantiu um casarão na região a cada uma das 10 famílias. Os tataravós de Cris tiveram seis filhos, cada um deles ganhou uma casa próxima a dos pais quando se casava.

Quando Cris nasceu esse formato se mantinha, em sua casa os filhos mais velhos cuidavam dos mais novos. Para a filha do meio sempre existiram carências de afeto em relação aos pais, apesar de seus irmãos serem muito unidos, amorosos, sempre dispostos. Dos mais velhos ela recebia cuidados; dos mais novos, gratidão por cuidar deles. Aos mais velhos ela tinha que obedecer, aos mais novos ela tinha que aconselhar. Cris vivia com medo de decepcionar, por isso, estava sempre presente para os pais e irmãos. Ela foi a última a sair da casa dos pais, sempre buscando pela aprovação deles, até descobrir que, segundo o testamento da família ela não teria direito a casa na qual morava a 26 anos. Retomando uma vontade antiga que nunca pode priorizar, já que lhe tomava muito tempo cuidar de seus pais idosos e da casa, Cris conseguiu um emprego no mercadinho do Centro.

Cris logo conheceu Carlos, gerente na padaria de seus pais, ao lado do mercadinho. Casaram-se dois anos depois do primeiro encontro, mesmo depois de brigarem na véspera da troca de alianças. Quando visitavam o apartamento recentemente alugado para morarem juntos, discutiram por Cris não ter coragem de deixar a casa dos pais. Carlos a deixou em casa, Cris passou pela porta ainda com lágrimas nos olhos e se deitou no colo da mãe, que não tirou seus olhos da TV nem quando Cris pediu para falar com ela sobre algo muito importante. Quando estava prestes a dizer que o casamento estava cancelado, a mãe lhe informou que havia mudado de ideia. Segundo ela, era melhor guardar o enxoval e o conjunto de talheres de prata para Juliane, a caçula. A mãe pediu a Cris que não levasse a mal, mas seu

casamento com o filho do padeiro era incerto. Antes do amanhecer, Cris já estava na porta da casa de Carlos, carregando consigo os talheres de prata. Algumas semanas depois sua mãe lhe encontrou para entregar o enxoval, dizendo que ela havia esquecido, sem saber que, mais cedo naquele mesmo dia, Cris recebera um telefonema de Juliane, aos prantos, a irmã lhe contou que havia terminado seu noivado.

O casal se mudou para uma casa cinco anos depois, quando Cris engravidou. Já a algum tempo, a família não se reunia para almoçar no domingo, participar de festas de aniversário ou assistir filmes enquanto comia pipoca. Cris mantinha um vínculo apenas com Juliane, moravam próximas, e se apoiavam na criação de seus filhos, que nasceram com poucos meses de diferença. À medida que Lívia crescia, a saudade da casa cheia aumentava, a cada “eu consigo fazer isso sozinha” da filha o coração de Cris se partia, ela tinha medo de nada ser como ela havia imaginado: a casa cheia, uns cuidando dos outros. Pensava em ter mais filhos, mas sua única gravidez já havia sido arriscada e o dinheiro só dava para os três. Ela não conseguiria acompanhar outra adolescência e muito menos assistir a outro filho saindo de casa para estudar em uma cidade a muitos quilômetros de distância. A cada dia Lívia demorava mais para atender ao telefone, responder as mensagens, postava menos nas redes sociais.

A cada vez que a volta para casa era adiada, elas discutiam. Lívia sempre dizia que precisava estudar e fazer uma série de trabalhos atrasados. Com o retorno de Lívia a casa dos pais adiado, Cris precisava desfazer todos os planos que havia feito para os próximos dias. Ela já havia comprado os ingredientes para cozinhar o prato favorito da garota. O encontro com toda a família, marcado para a data em que Lívia estaria na cidade, teria de ser adiado mais uma vez. Ainda que não percebesse, Cris queria recriar com Lívia o mesmo círculo de afeto que tinha com os irmãos durante a sua infância. Além disso, Cris queria dedicar à filha o amor que acreditava não ter recebido de sua mãe.

À medida que o tempo passava, as duas se distanciavam mais e mais, até que Cris entendeu que precisava criar planos para si. Ela finalmente teria tempo agora que Lívia já não dependia tanto dela.

## Lívia

Quando pequena, Lívia vivia cercada por um número pequeno de crianças que incluíam sua prima, Luíza, filha da tia Juliane. Desde seus dois anos de idade era cuidada por Helena, sua vizinha, enquanto seus pais saíam para trabalhar. Lívia passava as manhãs brincando no jardim, criava comidinhas com lama e grama, chutava bola na parede, escalava a única árvore no quintal, uma jabuticabeira pequena, desenhava e pintava em dias de sol. À tarde, Helena ensinava a Lívia o alfabeto, os números, as cores. Algumas vezes, elas faziam biscoitos de estrela e pequenos bolinhos de chocolate. Lívia adorava ficar na casa da “vó” Helena quase todos os dias.

Lívia não gostava da segunda feira. Esse era o dia em que ela tinha de se afastar dos pais, depois de ter passado o domingo com eles passeando no parquinho, comendo macarrão com frango e assistindo algum programa na TV. Segunda também era o dia que Thiago, filho de Dona Helena aparecia na casa da mãe, ele pedia a ela algum dinheiro, a mãe perguntava se ele não havia conseguido um emprego ainda. No dia em que ele socou a mesa depois de várias recusas da mãe, Lívia, assustada, começou a chorar. Ela foi levada para a despensa da cozinha.

Se tornou parte da rotina, todas as segundas, depois do almoço, Helena pedia para Lívia ir para despensa e só sair depois que Thiago fosse embora. Quando escutavam seu choro, começavam os gritos do lado de fora, e foi assim que ela aprendeu a segurar o choro o máximo que podia. Ela esperava que ele fosse embora logo para que Helena aparecesse para lhe pegar no colo, preparar um achocolatado e ligar seu desenho preferido.

Lívia começou a ter dores de cabeça todo domingo a noite. Cris a levou ao médico, nenhum diagnóstico. Perguntava a Lívia se algo estava acontecendo de errado, a filha negava, não poderia quebrar o acordo que havia firmado com Helena: “Não vamos contar sobre isso para mamãe, tudo bem? Não queremos preocupá-la”. Cris sabia que algo estava acontecendo, mas ficava irritada por não obter respostas da criança, então passou a ignorar as queixas de Lívia, que sempre voltavam no domingo. Lívia, por sua vez, teve que arrumar alguém que segurasse sua mão até dormir, com quem conversasse sempre que a mãe não estava por perto e sempre que ela

precisasse ficar na despensa. Foi nessa época que criou Tetê, uma menina que tinha a sua idade, mas que não tinha medo de nada.

Dali a pouco, Lívia já estava frequentando a escola e aos poucos perdia o medo. Conquistou novas amigas com quem conversava antes das aulas, no recreio e enquanto esperava seus pais lhe buscarem. Ninguém entendia muito bem por que Lívia andava apertando suas duas mãos e vez ou outra sorria enquanto todos lanchavam em silêncio. Até os 11 anos de idade, Lívia tinha a mesma rotina: chegava em casa antes dos pais, ia até a casa de Helena assistir à TV, regar as plantas ou colocar o lixo para fora. Helena a ajudava a fazer as tarefas quando os pais demoravam muito a voltar. Certo dia Lívia chegou à casa de Helena, a porta estava aberta, ela entrou, ouviu o barulho do chuveiro ligado. Foi até a cozinha, levou o lixo para fora, tirou os cadernos da mochila e começou a fazer sua lição de matemática. Assustou-se quando um braço surgiu sob sua folha de papel “O valor de X aqui é 21” Lívia olhou rápido para cima, mal conseguia respirar. Thiago se aproximou dela e falou mais baixo “Agora que eu te ajudei, você podia me ajudar também não é?” Lívia estava paralisada na cadeira, fazia um esforço enorme para se afastar milímetros enquanto Thiago falava. “Você sabe onde a Dona Helena guarda a bolada, não sabe?” Lívia só conseguia negar com a cabeça, gastava toda a energia que tinha tentando segurar o choro. Thiago percebeu que estava assustando a menina e que dessa forma não conseguiria a informação que queria. Agachou-se ao lado dela: “Vamos fazer um trato então, se me disser eu te compro uma cartela bem grande de adesivos, fechado?”, disse e ergueu a mão para que Lívia a apertasse e fechassem o acordo. Lívia começou a chorar, reuniu forças e correu na direção da porta, Thiago ainda tentou alcançá-la “Peraí, peraí”.

Depois desse dia, Lívia não voltou mais à casa de Helena. Ela até mudou a rota quando ia e voltava da escola para não correr o risco de ter que explicar a senhora o que havia acontecido. Chegava em casa, checava se estava tudo trancado três vezes, se enfiava embaixo do edredom e esperava os pais voltarem. Por vezes dormia, acordava às 23h00m, fazia um sanduíche e passava a noite ouvindo rádio e desenhando. Nessa época Tetê voltou a lhe fazer companhia. Helena foi até a casa algumas vezes, conversou com Cris, mas nenhuma das duas conseguia entender o que havia acontecido. Lívia não

contava por temer quebrar o acordo que tinha com Helena. Mas não só isso, ela tinha medo de como sua mãe reagiria à situação, por muitas vezes ela havia tentado compartilhar com ela suas dores e sentia que Cris as menosprezava.

Depois de um mês, Helena parou de procurar a família, ela havia caído em casa e fraturado a bacia. Cris ia à casa dela, sempre levava biscoitos e bolos que Lívia fazia. Helena sempre perguntava por Lívia, Cris dizia que era a idade, que a filha estava passando por uma fase muito difícil. Quando voltava para casa, Cris ia até o quarto de Lívia e contava que Helena estava debilitada, e que ela sempre perguntava por Lívia “Não me entra na cabeça, o que custa você ir até lá? Eu já não quero mais voltar a casa dela por vergonha, já não sei mais que desculpa dar. Ela sempre cuidou tanto de você, ajudou tanto a nossa família. Você está sendo muito ingrata. Nem se parece comigo.”.

Depois que todos dormiam Lívia pegava seus binóculos, seu rádio e ia até a janela que dava para a casa de Helena. Seguiu essa nova rotina desde o dia que sua mãe lhe contou que Thiago iria se mudar para casa da mãe. Nas primeiras noites, Lívia havia escutado alguns gritos, seu coração batia mais rápido, ela planejava acordar os pais e correr para defender Helena, mas no fim sempre descobria que Thiago gritava com a televisão enquanto assistia ao futebol ou jogava uma partida de vídeo game. Depois de alguns meses, Lívia decidiu que seguiria essa rotina em dias intercalados. As provas finais chegaram, Lívia precisava de boas notas para conseguir bolsa em uma escola na cidade vizinha, ela entraria no ensino médio no próximo ano. Lívia então passou a vigiar só aos fins de semana.

Lívia conseguiu a bolsa, comemorou com os pais, os tios e primos, no próximo ano ela teria uma rotina diferente. Ela estudava o dia todo, retornava a casa exausta, dormia logo que chegava e fazia os deveres de madrugada.

Ela mal se encontrava com os pais, aos fins de semana, além dos deveres que fazia, só queria ficar na cama maratonando alguma série. Cris tentava se reaproximar da filha, preparava a comida que ela gostava, pedia que ela fosse com ela fazer mercado, tentava tirar de Lívia novidades sobre a escola nova e seus amigos e ficava muito frustrada e irada quando a menina não respondia da forma como esperava, dizia “Você não vai mais pra essa escola e ponto. A gente se mata de trabalhar, ainda tenta agradar, pra no fim a

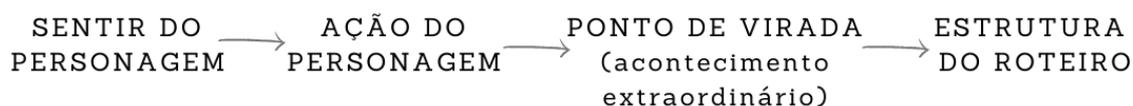
peessoa não sentar pra almoçar com a gente? Isso é absurdo!”. Lívia se trancava no quarto e chorava até dormir, ela não sabia o que sentia, nem se lembrava ao certo porque ficava tão chateada com a mãe. No quarto ao lado, sem que Lívia soubesse, Cris também chorava baixinho, deitada em sua cama. Cris via a filha se afastando cada vez mais e lembrava da falta que seus irmãos faziam. Ela pensava em todas as vezes que batalhou para dar o melhor a filha e queria ao menos esse reconhecimento dela. As brigas continuaram, só as razões eram diferentes à medida que Lívia crescia. Essa situação só mudou quando ela foi para a faculdade, em uma cidade que ficava a 08 horas dali. Todos tiveram de se adaptar.

### 3.3. PONTOS DE VIRADA

No quarto capítulo do livro, Leal fala sobre a estrutura dos pontos de virada, referindo-os como acontecimentos extraordinários. Segundo Leal: “O acontecimento extraordinário vem a ser o principal esquema da estrutura do personagem, que incide diretamente em toda a estrutura narrativa do enredo de um filme ou de uma série.” (2020, p. 43).

Assim sendo, Leal aponta o seguinte esquema de influência:

Figura 9 - Esquema do ponto de virada a partir do sentir do personagem.



Fonte: Bianca Assis.

Ainda segundo Leal, a um personagem em “estado de espera”, subitamente ocorre o inesperado, o choque com esse objeto expõe seu sentir. Surpreendido, esse personagem tem seu tempo de agir suspenso momentaneamente, evento que é chamado de intervalo, definido como o tempo entre o que o personagem sente quando é atingido pelo objeto e a forma como ele sai desse acontecimento.

Aos poucos, o personagem recupera o controle de si e é tomado por uma admiração ou uma nova percepção desse objeto que chegou repentinamente. Segundo Leal (2020, p. 44): “A admiração é o que cega e ilude o personagem impactado, e a percepção é o que clareia algo ainda não revelado do objeto.”.

Os personagens sofrem danos e fraturas em sua alma, transformando o sentimento dos personagens. A partir dessa sequência, temos, na estrutura do roteiro, o ponto de virada.

Em *Volta*, temos dois pontos de virada. Lívia chega à casa de seus pais em busca de um objeto de grande importância para ela e com a tarefa de apoiar sua mãe. A tensão entre mãe e filha cresce quando Lívia toca no nome de Carlos, seu pai, pelo fato de Cris estar se separando dele, esse é um assunto sensível para ela no momento. Lívia está fragilizada pela frieza da mãe quando é atingida pelo inesperado, ela não encontra os binóculos que ganhou de Helena quando ainda era pequena. Lívia perde o controle, entra em conflito com a mãe, entra no intervalo. Ela sai da casa dos pais, andando pela rua, encontra no chão uma marca que identifica a casa de Helena. Percorrendo essa casa ela retoma as memórias de afeto que buscava ao recuperar os binóculos. Junto com essas memórias de Helena, Lívia também relembra momentos felizes com seus pais, fato importante para que ela crie uma percepção sobre a discussão que teve mais cedo com a mãe.

Por fim, acontece o segundo ponto de virada, quando Lívia encontra a caixa com fotos da sua infância. Ao longo do dia, Lívia tem seu sentimento transformado. Ela chega na casa da mãe com uma atitude defensiva, ao passar pela casa de Helena, se dá conta que sua mãe está fragilizada e, assim como Lívia, age de forma defensiva. Lívia, então, percebe que, para cumprir o contrato que firmou no começo da história, ela precisa ser a primeira a ceder, voltar para a sua casa, pedir desculpas e apoiar a mãe.

Figura 10-Esquema da transformação do sentimento de Lívia.

ESQUEMA DA TRANSFORMAÇÃO DO SENTIMENTO DE LÍVIA

ESTADO DE ESPERA ..... *Cena 01 e princípio da cena 02*  
ATINGIDO POR OBJETO INESPERADO ..... *Fim da cena 03*  
TEM SEU SENTIR EXPOSTO  
INTERVALO ..... *Cena 04 a 07*  
NOVA PERCEPÇÃO ..... *Cenas 08 e 09*

Fonte: Bianca Assis.

#### 4 DA ESTRUTURA E DO ESTILO DO ROTEIRO

Nesse capítulo descrevo como se deu a construção do roteiro seguindo os artifícios apresentados no livro *A jornada do escritor* escrito por Christopher Vogler em 1998. Nessa obra, encontramos um passo a passo para estruturar a narrativa. Vogler aponta diversos elementos que podem auxiliar o roteirista a fim de criar uma história que envolva o público. Vogler tem como referência outro livro que trata da jornada do herói, a obra *O herói de mil faces* (1989) de Joseph Campbell, que analisa uma série de mitos e, baseado nos estudos dos mesmos, aponta os estágios pelos quais um herói deve passar.

Antes de tomar o livro de Vogler como base, ainda na primeira versão do roteiro de *Volta*, Lívia era uma jovem adulta que voltava para casa depois de muito tempo morando fora. Seu plano era ficar com seus pais por alguns dias antes de seguir seu caminho, com uma oferta de emprego já prometida na capital do seu estado. Seus pais a recebem com carinho, mas surge um atrito entre eles quando contam a ela que estão de mudança, em três dias já estarão em sua nova casa. Depois que Lívia e sua mãe discutem, aparece Tetê, uma amiga da infância que acolhe a personagem principal nos momentos que ela mais precisa e retoma com ela algumas brincadeiras de infância. Enquanto brincam, as duas conversam sobre a vida e o que passaram desde a época em que tinham poucas preocupações, falam principalmente sobre a relação com os pais de Lívia. Tetê tenta contornar o conflito, dizendo para Lívia que a falta de comunicação entre ela e a mãe as levou a esse problema.

Para a segunda versão do roteiro, já havia encontrado o que seria meu principal guia em busca da história que eu gostaria de contar. Em *A jornada do escritor*, Vogler (1992, p. 27) aponta:

[...] a história de um herói é sempre uma jornada. Um herói sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho. [...] tantas histórias levam o herói para uma jornada interior, uma jornada da mente, do coração ou do espírito.

A partir da leitura dessa obra, construí a história de crescimento de Lívia dentro de estrutura apontada na mesma.

Primeiramente, a heroína deveria ser apresentada no *Mundo Comum*, no qual é apontado o que será plausível naquele espaço. Se tratamos de uma fábula, não é de se estranhar que os animais falem e ajam como seres humanos, mas é necessário que se valide essas formas dentro da história para que o público acompanhe. No mundo comum, será apontada a questão dramática da história, questões sobre o herói a serem respondidas posteriormente, os problemas internos e externos dos personagens. Enquanto luta para alcançar seu objetivo, o herói também precisa lutar contra si mesmo, no processo ele conhecerá melhor suas qualidades e defeitos.

Portanto, nessa fase introdutória, de ambientação da personagem, ela é apresentada em um ambiente ao qual está habituada, para depois contrapor ao que ela deve enfrentar. Vogler define uma série de características que o herói deve apresentar em sua primeira cena. Durante a escrita, fui incluindo passo a passo as características de Lívia para depois adaptar as cenas ao formato no qual eu estava trabalhando: um curta-metragem que mostrava um recorte da vida de Lívia.

Sendo assim, ao passo que eu estudava mais sobre o assunto, a cena inicial era alterada. Na primeira versão, a mãe e o pai de Lívia a recebiam de forma afetuosa em seu reencontro. Em uma segunda versão esse primeiro encontro já era mais conflituoso, de cara já seria evidente o distanciamento entre essas pessoas que compõem o mesmo grupo familiar. Em uma terceira versão do roteiro esse distanciamento era demonstrado com os pais esquecendo de buscar Lívia na rodoviária. Ainda nessa versão, Tetê estava ao lado de Lívia desde a primeira cena, fato que foi alterado na quinta versão.

A última versão do roteiro, apesar de também se iniciar com a volta de Lívia, trás algumas informações que norteiam as reações dela e de sua mãe quando entram em conflito. A conversa que abre o roteiro, entre Lívia e seu pai e a venda da casa são indícios do momento delicado pelo qual aquela família passa: a separação do casal. Com isso, as personagens também mudaram a forma como entravam em cena, mas sem perder suas características principais definidas na construção do diamante de personagem. Cris não deixa de ser uma mãe afetuosa e carente de atenção à medida que as versões são atualizadas. Contudo, da segunda versão em diante, ela passa a esconder a falta que sente de Lívia por trás de uma postura reativa e conflituosa. Lívia nas

versões anteriores dependia de Tetê para aceitar a aventura, já na última versão ela entra na casa de Helena por conta própria, em uma tentativa de recuperar o que havia perdido no processo da mudança, uma memória da sua infância, mas ainda se mostra insegura.

Em seguida, o *chamado à aventura*, um desafio, um problema que força o herói a sair do mundo comum. Na primeira versão, esse chamado é feito por Tetê, quando ainda se chamava Luísa, personagem que aparece depois da briga de Lívia com a mãe e assume o papel de mentora. Tetê precisa levar Lívia ao passado para que ela consiga enfrentar as memórias ruins dos momentos que causaram o afastamento entre ela e Cris, e assim retome a relação de afeto que mãe e filha mantinham durante a infância. Com a evolução da história, a mãe de Lívia passa a ser a responsável por chamá-la a resolver esse conflito. De forma mais direta, Cris fala que se sente sozinha, nesse momento Lívia poderia ficar e acolher a mãe, mas ela não consegue. Antes de entrarem nesse assunto e iniciarem a reaproximação, Lívia precisa entender o que se passa com ela. O herói *recusa o chamado*, hesita, sente medo.

Para desenvolver o conflito entre mãe e filha, além do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão* citado anteriormente, usei como referência o filme *Como nossos pais* (2017) dirigido por Laís Bodanzky. O filme mostra o dia a dia de Rosa, uma mulher que aos 38 anos se vê pressionada de diversas formas. Rosa vive uma crise em seu casamento, tem dificuldades ao se comunicar com suas duas filhas pré-adolescentes, não se sente realizada no trabalho que exerce e não consegue se entender com a mãe. Logo nas primeiras cenas do filme, somos apresentados a grande parte desses conflitos, em meio a uma discussão entre mãe e filha, outro conflito é adicionado a narrativa: Clarice, mãe de Rosa, revela que o pai biológico de Rosa não é Homero, como a família acreditava até então. Essa relação conturbada entre mãe e filha permeia toda a narrativa, as duas se envolvem em situações que mostram como são parecidas quando se creem tão diferentes. Além do que as próprias personagens se dão conta, elas repetem um mesmo padrão. No almoço em família que abre o longa, Rosa e Clarice iniciam uma discussão que envolve o marido de Rosa, Dado. Clarice, socióloga aposentada, parabeniza Dado pelo trabalho que ele exerce em uma ONG que ajuda a garantir os

direitos dos povos originários brasileiros. Rosa exerce um trabalho no ramo da publicidade, portanto não é envolvida com a militância, ela se sente incomodada pela fala da mãe e externa seu desagrado diante de todos. De forma irônica, Rosa fala sobre o fato de Dado não ajudar a pagar as contas em casa e também não se fazer presente na criação das filhas. Em diversos momentos, Rosa questiona se deve tentar salvar essa relação ou pedir a separação enquanto Clarice defende o genro, mesmo que para isso precise se desentender com a filha. Ao mesmo tempo que acompanhamos a evolução dessa história nos é apresentado Homero, ex-marido de Clarice e o homem que Rosa acreditava ser seu pai biológico. Clarice critica o ex-marido desde o princípio, falando sobre o fato do artista plástico ter vivido a suas custas por anos, fato que culminou em sua separação. Por outro lado, Rosa retoma a memória afetiva que tem do pai, memórias que sempre prevalecem frente as falhas de Homero, que por vezes relativiza as situações a seu favor e se mostra irresponsável quanto a seus filhos.

Sendo assim, mãe e filha estão ligadas a situações em que são espelho uma da outra, mesmo que as duas não se deem conta disso. Clarice se envolve em um esquema no qual defende o mesmo que critica. A personagem defende Dado, que tem atitudes similares as de seu ex-marido, ambos deixam nas mãos de suas respectivas esposas a responsabilidade quanto as finanças da família. Rosa se vê perdida em meio a uma memória na qual seu pai trai sua mãe e a falta de responsabilidade de Homero, que designa tarefas suas para a filha, já sobrecarregada. Entretanto, sempre que Rosa precisa impor limites ao pai, ela se vê presa ao seu carisma e recua. Levei essa perspectiva da subjetividade das duas personagens para o conflito entre Livia e Cris em *Volta*. Elas discutem no começo do curta, Cris sobrecarregada por ter que lidar com a sua separação e a preparação para a mudança sozinha enquanto Livia se mostra chateada pela forma como foi recebida pela mãe. Mais do que o que é mostrado nessas cenas, as duas estão, na verdade, aborrecidas pelo fato de terem se distanciado anteriormente. São espelho uma da outra, cada uma delas espera que a outra ceda e se mostre vulnerável para resolverem as pendências do passado.

Depois de recusar o chamado a aventura, Livia deve então entrar no *mundo especial* para se preparar para enfrentar seu maior desafio. Nas

primeiras versões, Tetê seria a responsável por acompanhar Lívia por todos os cantos, prepará-la e direcioná-la em busca da solução de seu conflito com a mãe. Tetê era tratada como amiga de infância de Lívia, como se elas não se vissem a muito tempo devido ao fato de Lívia ter se mudado da casa dos pais aos 18 anos, mas, na verdade, era uma amiga imaginária, um ser que Lívia criou quando pequena para dar conta da falta da mãe. Tetê era a parte destemida de Lívia. O nome da personagem foi pensado a partir da função dela como *mentora*. Vogler cita Athena como uma grande mentora segundo a mitologia grega, uni essa característica ao que Winnicott chama em seu livro *O brincar e a realidade*, de objeto transicional, que para algumas crianças poderia ser uma mantinha, uma chupeta, uma mamadeira, responsável pela transição entre a relação do bebê com a mãe para o bebê com o mundo nos primeiros anos de vida. Assim sendo, Tetê tanto é um apelido para Athena quanto uma referência ao artefato que Lívia criou para lidar com a falta da mãe, sem deixar de lado o fato de ter sido um apelido inventado por uma criança pequena.

À medida que a história avançava, percebi que havia muitos elementos a serem desenvolvidos e que isso não seria possível dentro do formato que eu propus. Então, na última versão do roteiro optei por diminuir a participação de Tetê na história, ela aparece em uma cena em que Lívia percorre a casa de Helena e se lembra de ficar presa no banheiro enquanto sua cuidadora discute com seu filho do lado de fora. Tetê chama Lívia e a entretém para que ela não ficasse assustada. Nessa versão, a *mentora* passa a ser Helena, o percurso que Lívia faz por sua casa é responsável por acalmá-la e dar a ela as ferramentas necessárias para que ela possa resolver seu conflito com a mãe. Por fim, ela toma posse de um presente que substitui os binóculos que desapareceu e seria a última lembrança que Lívia tinha de Helena. A caixa de fotos que Lívia encontrou também é responsável por ajudá-la a demonstrar a mãe a relação que ela espera que as duas retomem.

A *travessia do primeiro limiar* acontece quando o herói aceita a aventura, ele está disposto a encarar as consequências de lidar com o problema. Nas primeiras versões do roteiro, Lívia está tentando conseguir um lugar para ficar na capital e também uma nova oportunidade de emprego para poder sair da casa, mas Tetê, sua mentora, convence-a a deixar as coisas se resolverem por si mesmas. Acolhendo Lívia, Tetê consegue convencê-la a

embarcar na aventura, retomar memórias e dar tempo ao tempo. Já na última versão do roteiro, Lívia faz essa travessia por duas vezes, primeiro quando ela decide entrar na casa da Helena e em um segundo momento quando encontra a caixa de fotos de Helena e decide voltar à casa para deixar de lado os conflitos e conversar com a mãe.

Posteriormente, Lívia passa por *testes, faz aliados e inimigos*. Em um primeiro momento, pensei que talvez o inimigo a ser enfrentado seria sua mãe, mas isso não levaria à conclusão que eu queria para o final. Para que elas tivessem a oportunidade de retomar uma relação de carinho, Lívia deveria enfrentar a si mesma, as suas memórias, seus traumas, suas expectativas, construídas durante sua infância e adolescência, quando ainda morava na mesma casa que os pais e depois que saiu dela. Nas primeiras versões, ela retomaria brincadeiras do passado, em cantos especiais da casa, para adquirir competência para se *aproximar da caverna oculta*, o ponto mais ameaçador do *mundo especial*, onde Lívia deve enfrentar o abandono que sentiu ao crescer e se distanciar da mãe.

Já na última versão do roteiro, Lívia entra no *mundo especial* enquanto tenta escapar da aventura. Depois de se frustrar em seu reencontro com a mãe, ela entra na casa da Helena buscando memórias da época em que ela passava suas tardes ali, inesperadamente, encontra-as dentro de uma caixa. Esse processo de passar pela casa e reativar suas memórias é um momento em que Lívia pode parar um pouco para se entender, até então ela não sabia ao certo o que a incomodava. É durante essa tarde que ela entende o que precisa fazer em seguida e qual deve ser seu próximo passo. De posse dessas memórias ela pode então voltar ao *mundo comum* para conversar com a mãe.

A fase de *provação* é o ponto de risco mais alto, na qual acontece um confronto direto com seu maior medo. Nas quatro primeiras versões do roteiro, essa parte era composta por uma cena na qual Tetê falava sobre a relação de Lívia com sua mãe e tentava mostrar a Lívia uma perspectiva diferente da que ela tinha até então: a mãe de Lívia também havia sofrido muito com a distância entre as duas, e ela, como filha, não conseguiu perceber a solidão da mãe e acolhê-la. Lívia precisaria então encarar a falha que teve com Cris, assumir sua responsabilidade para, em seguida, alcançar a *recompensa*, que por vezes pode ser um tesouro encontrado, ou ainda, “[...] o conhecimento e a

experiência que conduzem a uma compreensão maior e a uma reconciliação com as forças hostis.” (1992, p.33). Nesse momento decidi que a recompensa de Lívia seria a resposta que ela buscava a tanto tempo, como salvar a relação com sua mãe. Na terceira versão, quem trás a ela essa resposta não é sua mentora, mas seu pai, cuja personalidade o faz ficar mais distante do conflito, mas, por ter observado tudo de perto, tem a resposta final que Lívia precisa: ela e a mãe são realmente parecidas, todo esse tempo uma busca da outra o mesmo, acolhimento. Resta a Lívia dar o primeiro passo para que essa relação de carinho seja retomada.

Christopher Vogler ainda indica que no *caminho de volta*, passando para o 3º ato, o herói começa a lidar com as consequências da sua jornada e decide deixar o mundo especial, voltando ao mundo comum. Até a quarta versão optei por representar esse momento de volta ao mundo comum sumindo com Tetê sem maiores explicações e sem citá-la novamente. Na quinta versão, Lívia volta ao *mundo comum* depois de adquirir o aprendizado necessário no *mundo especial* para encarar a situação da qual ela fugia há tanto tempo, falar francamente com sua mãe sobre os problemas entre as duas. Já na *ressurreição*, as “trevas” fazem uma última investida contra o herói, agora transformado e fortalecido pela jornada onde adquiriu novas habilidades, o herói consegue então derrotar as trevas e *retornar com o elixir*, voltando ao mundo comum tendo aprendido uma lição que a beneficia.

Para o final de *Volta*, durante a construção das quatro primeiras versões eu não segui esses parâmetros apontados por Vogler, optei por um final em que Lívia entrega para a mãe uma lembrança antiga e segue seu caminho. Em seguida a mãe abre a caixa que a filha deixou em suas mãos e encontra recordações da infância de Lívia e uma foto que remete ao aprendizado de Lívia na jornada. Elas são mais parecidas do que acreditam e buscam o mesmo uma da outra. Unida as últimas palavras de Lívia “Volto em breve”, seriam responsáveis por comunicar a importância daquela relação. Mais do que apenas um pedido de desculpas, com um gesto afetuoso Lívia pretende mostrar que está disposta a ceder e continuar trabalhando para que elas se acertem. Já na quinta versão do roteiro, optei por construir uma cena final na qual Lívia retorna mais uma vez à casa dos pais, depois de passar a tarde na antiga casa de Helena. Dessa vez, ela tem um gesto afetuoso com a mãe e

juntas elas retomam memórias da infância de Lívia que serão importantes para que reconstruam sua relação.

Como referência para a estrutura de *Volta*, assisti ao curta *Nham Nham, a criatura* (2015), do diretor Lucas de Barros. Nham Nham conta a história de Lucas, um menino de 09 anos que se muda para uma nova cidade com a mãe após a separação dos pais. Assistimos ao crescimento de Lucas diante dessa experiência inédita. Para dar conta das suas frustrações e conseguir lidar com memórias ruins, que vão de não comer o que ele quer no jantar a seu pai desmarcando o fim de semana que passariam juntos, passando por sofrer *bullying* ao tentar fazer novos amigos, Lucas inventa um amigo imaginário. Nham Nham é um urso de pelúcia monstruoso que vive em seu guarda-roupa e se alimenta das memórias que Lucas desenha em seu diário. Toda a história é contada em menos de 14 minutos, ao longo de 09 cenas. Na primeira cena temos a apresentação de Lucas, brincando sozinho no quintal de casa. Na segunda, ele se sente frustrado pelo jantar servido pela mãe e pela notícia de que não se encontrará com o pai. Na terceira cena, Lucas conhece Nham Nham, a partir daí ele acredita que encontrou uma forma de lidar com seus problemas. Só na sétima cena o garoto começa a se dar conta de que apagar da memória seus problemas pode não ser a melhor forma de lidar com eles. Daí em diante Lucas luta contra Nham Nham, ele precisa aprender a encarar seus problemas para crescer.

O roteiro segue a estrutura dos três atos narrativos. Do primeiro ato para o segundo, o ponto de virada se dá com a notícia da ausência do pai, na cena seguinte Lucas cria o Nham Nham para lidar com sua frustração. O segundo ponto de virada, do segundo ato para o terceiro, ocorre quando Lucas se perde e corre risco de vida, é a situação limite que faz com que ele tome uma atitude em relação ao bicho.

Nesse curta encontrei um exemplo de como a jornada do herói pode ser construída em um curto espaço de tempo, satisfazendo as orientações de Vogler. Na quarta versão de *Volta*, a história havia se perdido, eram tantos personagens com programas narrativos diversos para tratar que o formato não daria conta de tudo. Para a quinta versão foi necessário decidir qual seria o foco do curta, e *Nham Nham, a criatura* foi um grande exemplo de uma narrativa simples e bem estruturada que usei como inspiração.

Para a construção da quinta versão do roteiro, tive a oportunidade de participar do Laboratório de Curtas Luzes da Cidade realizado em junho de 2021. Ainda insatisfeita com a quarta versão de *Volta*, contar com a opinião dos consultores Caroline Leone, Dani Reule e Maurílio Martins foi essencial para retomar o tema da história. Depois de estudar diversas possibilidades e aplicá-las na narrativa, a história principal, do crescimento de Lívia enquanto tenta recuperar a relação de proximidade com a mãe, se perdeu. Através da leitura do roteiro, tive acesso à visão não apenas dos consultores como também dos outros proponentes, que dividiram sua visão da história. Depois dessa experiência, pude revisar o roteiro, fazer os últimos ajustes, direcionando a narrativa através do foco nas personagens principais.

#### 4.1 VERSÕES

Abaixo elenco, em síntese, as cinco versões do roteiro:

01. Lívia volta para casa depois de concluir a faculdade. Seus pais a recebem com carinho. Ela já tinha um emprego prometido na capital do seu estado, mas acabou perdendo a vaga. Ela conta para os pais, eles informam que estão se mudando para uma cidade próxima dali, atrapalhando os planos de Lívia de ficar naquela casa até conseguir um apoio na capital. Lívia e a mãe brigam. Nesse momento aparece Luísa, amiga de infância de Lívia, que a acalma e faz com ela um tour pela casa, lembrando o que viveram ali. Lívia se muda com os pais para a nova casa deles. Luísa é uma amiga imaginária.
02. As primeiras cenas já sugerem um desencontro entre Lívia e seus pais, o reencontro deles é um tanto frio. Lívia não entende as caixas em seu quarto; ela briga com sua mãe quando a mesma conta para ela que estão se mudando. Ela tem Luísa como um apoio, elas conversam sobre os acontecimentos dos últimos anos.
03. Luísa, que passou a se chamar Tetê nessa versão, é apresentada junto com Lívia na rodoviária. Voltando para casa, Lívia vê a casa de Helena. As primeiras cenas com os pais são um tanto frias. Lívia briga com a mãe por conta de uma falha de comunicação, ela junta suas malas e ameaça sair de casa, encontrando Tetê na porta. Tetê a leva à casa de Helena. Lívia fica desconfortável com as lembranças que o lugar lhe traz, aos poucos, encontra objetos da infância e vai se familiarizando com o ambiente. Lívia e Tetê se desentendem, Lívia acorda no chão do seu quarto, ela encontra uma caixa. Mudança de seus pais. Lívia entrega a caixa para a mãe e segue seu caminho, Cris abre a caixa e encontra recordações da infância de Lívia.
04. A grande diferença nessa parte é a tentativa de inserir mais a história de Lívia com Helena dentro do curta, a conversa de Helena e seu filho, uma memória do passado que Lívia escuta no momento em que joga

com Tetê dentro da despensa, as fotos de Helena e seu filho, a criança que Tetê vê em uma casa vizinha, segurando binóculos iguais aos seus.

05. Na última versão do roteiro precisei definir melhor o tema. Afinal, o que importa mais nessa história, O momento que Livia passa com Helena ou a história entre Livia e sua mãe? Escolhi seguir a segunda opção, para isso deixei o conflito com Cris logo no começo mais evidente. O trauma de Livia na casa da Helena e até mesmo Tetê ficaram em segundo plano.

“VOLTA”

Roteiro por Bianca Assis

05<sup>a</sup> VERSÃO - AGOSTO DE 2021

Todos os direitos reservados

"VOLTA"

FADE IN:

**01 - EXT. RUA / CASA DOS PAIS - DIA**

LÍVIA (21), usando um rabo de cavalo e carregando uma mochila nas costas, anda por uma rua sem movimento de carros ou pessoas, área residencial. Lívia segura o celular em frente ao rosto, ela faz uma vídeo-chamada com CARLOS (50), seu pai.

**LÍVIA**

Pai, tenho que desligar. Tô chegando em casa.

**CARLOS**

Toma conta da sua mãe, viu?

**LÍVIA**

Pode deixar. Assim que acabar aqui eu te encontro, beijo.

Lívia desliga o celular, para em frente a um sobrado com janelas grandes, na parede da entrada está pendurada uma placa quadrada onde se lê: VENDE-SE, acima do nome de uma imobiliária e um número de telefone em letras garrafais. Ela tira da mochila um chaveiro e abre o portão da garagem.

**02. INT. CASA DOS PAIS / SALA - DIA**

Lívia chega a sala, o sofá está coberto por um plástico transparente, no meio da parede central alguns fios indicam o lugar onde antes ficava uma televisão. Nas paredes as marcas deixadas por alguns quadros, que agora estão empilhados em cima de uma caixa de papelão.

CRIS (51), mãe de Lívia, com os cabelos despenteados, usando shorts e uma camiseta velha, está agachada no chão, com uma caixa de ferramentas ao seu lado, terminando de desmontar o rack.

**CRIS**

Ué Lívia, já chegou?

**LÍVIA**

Oi mãe. Tudo bem?

**CRIS**

Tudo sim, tô acabando de arrumar aqui.

Cris sai da sala, Livia a segue.

**03 INT. CASA DOS PAIS / QUARTO DE LÍVIA - DIA**

Cris, seguida por Livia, entra em um quarto repleto de caixas de papelão empilhadas umas sobre as outras, cada uma etiquetada de acordo com o cômodo da casa ao qual pertencem os objetos contidos ali. Em um canto do quarto está uma cama de solteiro, o colchão da mesma está enrolado e encostado na parede ao seu lado.

**CRIS**

Se você chega um dia antes seria uma mão na roda...

Livia alcança um móvel no teto do quarto, uma réplica do sistema solar feita de isopor e palitos de madeira, coberta por uma camada de poeira, faltando alguns dos planetas, a tinta que cobre os que restaram está descascando em alguns pontos.

**LÍVIA**

Achei que você ia me esperar.

**CRIS**

Eu tinha que aproveitar enquanto seu pai está fora.

**LÍVIA**

Ele pediu pra separar uns cabides pra ele.

Cris conta o número de caixas apontando o dedo para cada pilha. Em cada caixa uma grande etiqueta branca indica o que está contido ali dentro.

**CRIS**

Livia, pega os quadros da sala pra mim.

Livia sai do quarto, Cris pega alguns jornais de uma gaveta da cômoda. Livia volta carregando os quadros. Cris se senta no estrado da cama, Livia no chão. As duas embrulham quadro a quadro com o jornal. Livia segura um quadro retangular pequeno em cima das pernas, mostrando-o para Cris.

**LÍVIA**

Ah o pai pediu pra eu levar os dos Mutantes pra ele.

**CRIS**

Se ele gostasse tanto teria levado com ele.

Cris coloca os quadros que embrulhou na caixa e estende a mão para que Livia lhe passe os que estão com ela.

**LÍVIA**

Você nem gosta dessa banda.

**CRIS**

Eu que apresentei eles pro seu pai, Livia.

Cris se levanta e tira os quadros da mão de Livia. Livia se levanta, ela abre uma das portas do guarda-roupa, ela se estica para ver a prateleira de cima, vasculhando cada canto do móvel.

**LÍVIA**

Acho que você tá fazendo isso ser mais difícil do que precisava.

**CRIS**

Por acaso seu pai te mandou aqui pra se certificar de que eu não ia levar a casa toda, foi?

Cris pega uma caixa e coloca na ponta da cama, perto de Livia. Por cima da caixa uma grande etiqueta onde se lê: LIVINHA.

Livia para de examinar o guarda-roupa e passa a mexer na caixa.

Cris continua a arrumar as caixas de papelão.

**LÍVIA**

Mãe, cadê o resto das minhas coisas?

**CRIS**

Só ficou isso aí pra trás.

Livia volta a examinar o guarda-roupa.

**LÍVIA**

Não, eu tenho certeza que eu deixei o BINÓCULOS aqui.

Lívia passa a buscar o objeto na cômoda, já vazia. Com força e rapidez ela abre as gavetas.

Não encontrando nada, Lívia passa para o outro lado do quarto, começa a abrir uma das caixas de papelão etiquetadas.

**CRIS**

Pode parar, você não vai desarrumar o que já tá pronto.

**LÍVIA**

Você podia ter me esperado.

Eu teria arrumado as minhas coisas.

Cris volta a empacotar o que falta.

**CRIS**

Eu não to com cabeça pra isso Lívia.

Tudo o que eu tenho feito é ler e assinar papel.

**LÍVIA**

Mas quem foi pega de surpresa nessa história fui eu, parei tudo o que eu tava fazendo pra vir te apoiar.

Cris para de arrumar a caixa e se volta pra Lívia.

**CRIS**

Foi mesmo Lívia?

Por que eu sinto que não posso contar com ninguém, então?

Cris deixa o quarto.

Lívia para no meio quarto e olha pro alto enquanto respira fundo, ela estica o braço e bate o móbile do teto, que fica balançando de forma desordenada enquanto Lívia sai do quarto.

**04 - EXT. RUA DA CASA DOS PAIS - DIA**

Lívia sai pelo portão da garagem e caminha pela rua, de cabeça baixa. Ela para quando vê no chão um rabisco ilegível e marcas das mãos de uma criança feitas quando o concreto ainda estava seco. Lívia se volta rapidamente para a casa ao lado dessas marcações, pequena e antiga, em frente a ela um quintal estreito, paredes descascadas, lascas da pintura se soltando. Um som baixo de crianças conversando e correndo parece vir de dentro da casa.

Lívia leva a mão a maçaneta da porta.

**05 - INT. CASA DE HELENA / SALA - DIA**

O som das crianças para, só se ouve o barulho da porta quando Lívia entra, com muito cuidado.

Dentro da casa alguns móveis permanecem em seus lugares. A divisão entre a cozinha e a sala se faz apenas por uma bancada, Lívia encosta nela e logo percebe que sua mão está cheia de poeira. Lívia bate uma mão na outra para se livrar do pó e ultrapassa o limite entre a sala e a cozinha.

Nas paredes do cômodo se vê as marcas do fogão e da geladeira que foram retirados dali, mas nas prateleiras acima da pia ainda estão copos, louças e panelas da antiga dona. Lívia se aproxima das marcas do fogão para ler um quadrinho na parede. Enquanto lê, ela ouve a voz de HELENA, dona da casa e responsável por cuidar de Lívia quando seus pais saíam para trabalhar.

**HELENA (V.O)**

Sobe aqui Lili, vamos fazer biscoitos agora.

O quadro na parede da cozinha é a receita de um biscoito amanteigado. Ao seu lado estão presos alguns ganchos onde ficam pendurados moldes, enferrujados e gastos, em formato de estrela, coração e dinossauro. Lívia pega um dos moldes enquanto escuta:

**HELENA (V.O)**

Isso, agora faz uma estrela pra tia.

Lívia gira o molde com as mãos e volta pra sala, olhando para todos os cantos. Mais marcas nas paredes indicam as posições de alguns dos antigos móveis, em um canto no fundo um conjunto de mesa e duas cadeiras pequenas, para

crianças, de frente para um quadro negro com algumas marcações de giz.

**HELENA (V.O)**

Mostra pra mamãe o que você aprendeu hoje.

Lívia se abaixa do lado do quadro, alguns desenhos antigos, também feitos por crianças, amassados e amarelados estão colados a parede com durex.

**HELENA (V.O)**

Pode escrever em cima do desenho.

Agora volta e puxa a cobrinha no A.

**CRIS (V.O)**

Que menina mais inteligente.

(risadas de criança)

Lívia se aproxima de um dos desenhos, feitos de giz de cera dois bonequinhos de palito do lado de uma casa com gramado, em cima de suas cabeças se lê: Lili e Helena.

Lívia escuta um barulho alto, ela se assusta e levanta rapidamente. Segue em direção ao banheiro da casa.

#### **06 - INT. CASA DE HELENA / SALA - DIA**

Lívia abre a porta do banheiro, no chão encontra a maçaneta da parte de dentro, ela entra no banheiro, encaixa a maçaneta de volta e fecha a porta.

Nas paredes próximas ao chuveiro dois nomes estão escritos com adesivos em gel das letras do alfabeto: Lili e Tete.

**HELENA (V.O)**

Porque você não volta a morar comigo então?

**THIAGO (V.O)**

Porque eu tenho que tocar a minha vida.

Longe daqui.

**HELENA (V.O)**

Mas você sabe, eu não tenho recebido tanto. Ao menos com você aqui, não teria que pagar outro aluguel...

*Visão subjetiva da Lívia criança*

**TETÊ**

Não precisa ter medo não. Vem cá.

Tetê pega Lívia pela mão, vemos uma mão de criança que é puxada para dentro do box. Ainda segurando a mão de Lívia, Tetê aponta para as letras na parede e repete:

**TETÊ**

A... B... C... D...

Enquanto Tetê continua apontando as letras, a discussão do lado de fora do banheiro se intensifica..

**THIAGO (V.O)**

Não existe essa opção, eu não volto a morar com você!

**HELENA (V.O)**

*(falando mais alto)*

Thiago, eu não tenho condições de te ajudar!  
Ou você volta ou eu não te ajudo mais!

**THIAGO (V.O)**

Você não pode ajudar seu único filho? Sério?

**HELENA (V.O)**

Você tem que aceitar as minhas regras se quiser minha ajuda.

O diálogo que vem da sala diminui aos poucos, alguém sai e bate a porta.

*Fim Visão subjetiva da Lívia criança*

Lívia encara um espelho. Ela abre a porta do banheiro devagar.

**07 - INT. CASA DE HELENA / QUARTO - DIA**

Lívia para na porta do quarto, o quarto de Helena é um grande vazio, o que restou foi um pequeno guarda-roupa embutido de 02 portas e os restos de uma cortina, desgastada pelos anos e pelo sol. Lívia entra no quarto cruzando e apertando os braços.

**HELENA (V.O)**

Não dá pra fazer cabaninha agora meu amor, sua mãe já vem te buscar.

**LÍVIA (V.O)**

Eu moro nessa casa.

Com muito cuidado ela abre o guarda-roupa, alguns cabides ficaram para trás com vestidos longos e coloridos. Lívia tira um dos vestidos pra fora e um chapéu que estava guardado junto a barra dele cai no chão. Lívia devolve o vestido pro seu lugar e se abaixa para colocar o chapéu no guarda-roupa, quando encontra uma caixa quadrada de madeira com tampa. Dentro da caixa ela encontra recortes de jornal, pequenos objetos e algumas fotos, manchadas, amareladas. Em uma das fotos, na sala de Helena, Lívia e seus pais estão sentados na mesa, de boca cheia, Lívia segura macarrão com as duas mãos e levanta os braços.

**CRIS**

(rindo)

Olha a bagunça que a sua filha tá fazendo...

**CARLOS**

(rindo)

Aprendeu com o papai.

Lívia passa para a foto seguinte, Helena a segura no colo e acena na direção da câmera, Lívia segura um par de binóculos brancos em frente ao rosto, através deles olha para a câmera.

**08 - INT. - QUARTO DE LÍVIA - DIA**

Cris termina de fechar as últimas caixas de papelão para a mudança, passando fita adesiva sobre elas. Ela pega uma das caixas no topo de uma das pilhas e caminha em direção a porta. Nesse momento, ouve Lívia a chamando, num tom baixo e lento:

**LÍVIA**

Mãe...

A filha está parada ao lado da porta do quarto. Cris contorna Livia ao passar por ela segurando a caixa de papelão, sem responder, ela anda em direção a sala.

Livia entra no quarto, coloca sua mochila no chão e pega uma das caixas. Ao passar novamente por debaixo da porta do quarto, encontra Cris, voltando ao quarto de mãos vazias.

As duas param uma em frente a outra e se olham.

Cris contorna Livia e entra no quarto cruzando os braços em frente ao corpo. Livia encara a mãe, segurando a caixa com as duas mãos. Cris pressiona os olhos, contrai todo o rosto e em seguida leva uma das mãos a boca. Livia leva a caixa até a sala.

De volta ao quarto, Livia anda até Cris, parada no meio do cômodo, ainda fazendo força para segurar o choro.

Livia anda até a mãe, se aproximando de suas costas, ela passa seus braços por cima dos ombros de Cris, cruzando-os em frente ao corpo da mãe. Em meio a um longo suspiro, Cris deixa algumas lágrimas descenderem pelo seu rosto. Livia encaixa sua cabeça entre o ombro e o pescoço da mãe. Cris abaixa a cabeça, enquanto olha pros braços da filha ela passa suas mãos por ele, fazendo um carinho.

**09 - INT. CASA DOS PAIS / QUARTO DE LÍVIA - DIA**

Livia e Cris estão sentadas no sofá da sala, uma ao lado da outra.

Com a caixa de madeira que Livia encontrou na casa de Helena no colo, analisam foto a foto.

**LÍVIA**

Acho que Helena tinha acabado de me ensinar  
a escrever nessa.

As duas sorriem.

**CRIS**

E essa aqui?

**LÍVIA**

Nossa eu fiquei a tarde inteira com a linha no dente, não deixava ela puxar de jeito nenhum.

Cris então segura uma foto na qual Livia, aos 5 anos, sobe em um banco e se estica na ponta dos pés, tentando ficar da mesma altura que sua mãe, que a segura pela cintura.

**10 - INT. CASA DOS PAIS / SALA - DIA**

Fim de tarde. A casa da família de Livia está vazia, sem mobiliário ou caixas. Nas paredes, apenas as marcas dos móveis e quadros que ocuparam aquele espaço por tanto tempo. Uma fina camada de poeira cobre a casa. Alguns desses grãos pairam pelo ar, em contraste com a luz que entra pelas janelas.

Ouvimos um eco, parece ser a voz de Cris, no fim do corredor. Em seguida, as risadas de Livia, ainda criança, ecoam pelos corredores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção desse trabalho tive uma diferente percepção a respeito da escrita de um roteiro. Decidi perseguir uma ideia da qual eu não conseguia me afastar, e a mesma só se tornou real ao colocá-la em prática nos moldes da jornada do herói. A cada versão do roteiro eu sentia que estava começando novamente, todas elas são especiais para mim porque apontam para o processo. O tema ficou mais claro à medida que evoluí nos estudos a respeito da estrutura, da narrativa e dos personagens.

Ao escrever esse roteiro, tive contato com alguns esquemas que auxiliam a construção da narrativa. Também foi parte desse processo a análise de alguns filmes do ponto de vista do roteiro. Pude perceber como a escrita se dá muito além do campo da inspiração.

Além disso, notei que o material amplamente divulgado para estudo da narrativa, abrange em grande parte longas-metragens. Depois de seguir todos os passos apontados pelos autores, precisei fazer uma limpeza no roteiro que contava com algumas pontas soltas. Por se tratar de um curta, foi necessário escolher um recorte da história e construir o programa narrativo de um número menor de personagens.

Acredito que essa história possa tocar a todos, convidá-los a revisitar memórias e restabelecer laços. Além disso, o presente trabalho pode auxiliar aqueles que queiram escrever um curta, apontando como os estudos de longa publicados até então podem ser repensados para servirem de base para esse formato.

## REFERÊNCIAS

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DONOGHUE, Emma. **Quarto**. São Paulo: Verus Editora, 2011.

LEAL, Hermes. **As paixões nos personagens**. Rio de Janeiro: HLfilmes, 2020.

MARQUEZ, Gabriel García. **100 anos de solidão**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2014.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

## Filmografia

DIREITA é a mão que você escreve. Direção de Paula Santos. Rio de Janeiro, Brasil, 2009 (15 min.)

J'Al tué ma mère. Direção de Xavier Dolan. Canadá: Mifilifilms, 2009. (96 mins.)

KYOTO. Direção de Deborah Viegas. São Paulo, Brasil: Fratura filmes/ Filmes de amor, 2014. (09 min.)

NHAM nham. Direção de Lucas de Barros. Santa Catarina, Brasil, 2015 (13min.)

OS famosos e os duendes da morte. Direção de Esmir Filho. São Paulo, Brasil: Dezenove som e imagens, 2010. (101min.)

## Curso

Masterclass Narrativa de Ficção Integral com Hermes Leal, 2021.

Roteiro Cinematográfico com Ana Muylaert, disponível na plataforma *Navega*, 2020